

CAZUZA: REFLEXÕES MEMORIALÍSTICAS SOBRE OS LUGARES DE AFETO

CAZUZA: MEMORIALIST REFLECTIONS ABOUT PLACES OF AFFECTION

Solange Santana Guimarães Morais
Erika Maria Albuquerque Sousa
Valéria de Carvalho Santos
UEMA

Resumo: Este trabalho propõe analisar os lugares de afeto e as reflexões memorialísticas presentes na obra maranhense *Cazuza*, de Viriato Corrêa. Para tanto, levamos em conta os relatos autobiográficos presentes no romance, provindos das vivências do autor-personagem no interior do Maranhão. Nessa conjectura, os lugares de memória descritos por Cazuza são marcas evidentes da “supermodernidade”, um fenômeno recente que leva em conta a distância temporal, a fluidez e a valorização dos locais residuais. Com isso, o texto pretende, ainda, verificar como a convivência com o coletivo influenciou no processo de amadurecimento do infante.

Palavras-chave: Cazuza. Memória. Lugares de afeto. Viriato Corrêa.

Abstract: *This work purposes to analyze the places of affection and the memorialist reflections that are in the maranhense novel, named Cazuza by Viriato Corrêa. For this purpose, we take into account the autobiographical reports from the novel that were born in the author-character experiences in the Maranhão countryside. In this way, the places of memory that Cazuza describes are evident signs of the “supermodernity”, a recent phenomenon that takes into consideration the temporal distance, the fluidity and the residual places appreciation. The text, also, intends to check how living with the collective influenced the child’s maturation process.*

Keywords: *Cazuza. Memory. Places of affection. Viriato Corrêa.*

INTRODUÇÃO

“O passado é belo porque ninguém se dá conta de uma emoção no momento. Ela cresce depois, e assim não sentimos emoções completas a respeito do presente, apenas do passado.”
(Virginia Woolf)

Tomando como pórtico a citação de Virginia Woolf (1882-1941) supracitada, ratifica-se o pensamento de Pierre Nora (1993, p.9) quando diz que “A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações”. O passado revisitado por meio de lugares de memória é uma proposta que abarca os meios de reminiscências reservados à problemática atual da “supermodernidade” (AUGÉ).

Por meio dos lugares de afeto, a emoção do momento se completa e se torna presente não só nas culturas identitárias de um grupo específico, mas de todos àqueles que se propõem a desvendar, descobrir e conhecer os locais residuais de emoções, pois “memória, promovida ao centro da história: é o luto manifesto da literatura” (NORA, 1993, p.28). Fenômeno esse que pode ser verificado em “As Cidades Invisíveis” (1972), de Italo Calvino, um romance que desafia a construção ficcional e alimenta os saltos imaginários por meio de versões descritivas de Marco Polo ao imperador Kublai Khan; para conquistar sua confiança, o viajante narra suas aventuras em cada cidade que passou, descrevendo-as por meio de “nomes” e do “itinerário” que percorreu para encontrar esses locais fabulosos.

Em cada narrativa o imperador se via movido pela compulsão de saber mais e pela vaidade de dominar os territórios desconhecidos, que ele não tinha o privilégio de visitar, mas que dominava à medida que o discurso do veneziano se compunha; como os locais eram de territórios limítrofes, Marco Polo alerta: “Jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve”. O que era que a experiência de vivência de cada um é singular aos locais da memória, vertendo-se em locais particulares, pois “estão circunscritas a uma geografia indefinida as próprias cidades, dependentes eternas da memória de um homem, inevitavelmente falhas porque, por mais maravilhosas que sejam, nunca serão Veneza: o ponto de partida e de referência, o real que fabrica o mito” (CALVINO, 1990, p. 2).

Mediante essa compreensão, busca-se refletir sobre os lugares de afeto revisitados em tons memorialísticos no romance maranhense de Viriato Corrêa: *Cazuzu*. Viriato Corrêa (Manuel Viriato Correia Baima do Lago Filho) foi jornalista, contista, romancista, teatrólogo e autor de crônicas históricas e livros infantojuvenis, nasceu em 23 de janeiro de 1884, em Pirapemas, MA, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 10 de abril de 1967. Ainda criança deixou a cidade natal para fazer cursos primário e secundário em São Luís do Maranhão. Começou a escrever aos 16 anos os seus primeiros contos e poesias. Frequentou a faculdade de direito em Recife, terminando o curso no Rio de Janeiro. Nesta cidade, trabalhou como jornalista na *Gazeta de Notícias*, no *Correio da Manhã* e no

Jornal do Brasil, além de colaborar com vários outros jornais. Sendo o Terceiro ocupante da Cadeira 32 da Academia Brasileira de Letras (ABL), eleito em 14 de julho de 1938, na sucessão de Ramiz Galvão e recebido pelo Acadêmico Múcio Leão em 29 de outubro de 1938.

Apesar de sua vasta carreira, o que consagrou Viriato até os dias atuais foi a publicação de seu romance *Cazuzza*, em 1938, considerado um clássico da literatura infantojuvenil. A obra, narrada em tom memorialístico, confunde-se com a biografia do escritor, apresentando a história do menino Cazuzza, que sai de um lugarejo do Maranhão para completar seus estudos primários. Desta maneira, o enredo divide-se em três momentos carregados de um relato histórico que demonstra o pensamento da época, que nos faz conhecer os costumes, as crenças, a religião e, principalmente, os locais residuais em que toda a trama se passa. Isso faz com que leitores maranhenses se identifiquem com os lugarejos descritos e os demais se adquiram e se embebam por meio de detalhes característicos da região dos cocais.

A História verdadeira de um menino de escola ficou reduzida a *Cazuzza* e inicia-se quando “Um dia, o homem bateu à minha porta, pedindo-me cinco minutos de atenção. Entrou, abriu a pasta, tirou de dentro um grosso maço de manuscritos e disse-me: São minhas memórias dos tempos de menino” (CORRÊA, 2011, p.8). Dividindo-se em três capítulos, a obra passa-se em três locais maranhenses: A primeira parte tem como mote a cidade do próprio escritor, Pirapemas; a segunda irá apresentar as vivências do menino Cazuzza na Vila do Coroatá; e, por fim, o último capítulo, na capital São Luís, para onde o autor-personagem muda-se a fim de concluir os estudos primários.

Destarte, o romance busca preservar os locais de memória, a história singular do autor e de todos os que, por ventura, se interessem pelos locais elevados às reminiscências descritas no romance de Corrêa. Portanto, são objetos deste estudo o fenômeno da supermodernidade e os impactos que o personagem sofreu na migração campo-cidade, assim como a influência dos locais de afeto no amadurecimento do infante.

O presente trabalho é fruto de um projeto de iniciação científica, em andamento, intitulado: *Cenas de meninice: A produção literária infantil do escritor maranhense Viriato Correia*, que tem como objetivo estudar sua obra de maior repercussão: *Cazuzza* (1938). Sob fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – MA, (FAPEMA), e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

1. MINHA TERRA, MINHA CASA E MINHA GENTE

De acordo com Nora (1993, p.27) “o lugar de memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações”. Recorrendo a significação desses lugares de memória, Cazuzza apresenta-nos o povoado em que nasceu, Pirapemas, como “um dos lugarejos mais pequenos, mais pobres e mais humildes do mundo. Ficava à margem do Itapecuru, no Maranhão, no alto da ribanceira do rio” (CORRÊA, 2001, p.17).

Segundo a descrição do autor-personagem, fica evidente o que Pierre Nora descreve acima ao

propor que o lugar identitário é fechado sobre si mesmo e ao mesmo tempo aberto às suas próprias significações. Conforme afirma Bauman (2011, p.32) esses locais vão “seguindo seus próprios itinerários, o lugar fica como era antes de sua chegada, sem ser afetado pelos ocupantes anteriores e esperando por outros no futuro”. Como descreve Cazuzza em suas recordações do povoado: “Uma ruazinha apenas, com vinte ou trinta casas algumas palhoças espalhadas pelos arredores e nada mais. Nem igreja, nem farmácia, nem vigário. De civilização, a escola, apenas” (CORRÊA, 2011, p.17). Descrição que ratifica o pensamento de Bauman supracitado e apresenta uma denúncia das condições sociais presentes no século XIX, que permeiam o interior do Maranhão até os dias atuais.

As singularidades dos locais de afeto se tornam residuais à medida que a descrição passa de sua visão singular e se torna coletiva por preencher os buracos da memória; esses, quando elevados ao momento inicial de sua particularidade e evidenciados por meio de fragmentos, são capazes de envolver e convidar àqueles alheios a seus lugares físicos a imaginá-los e conhecê-los por meio de relatos. Segundo Nora (1993, p.27), “há uma rede articulada dessas identidades diferentes, uma organização inconsciente da memória coletiva que nos cabe tornar consciente em si mesma. Os lugares são nosso momento de história nacional”. Assim:

As ruas e os caminhos tinham mais bichos do que gente. Criavam-se tudo à solta: as galinhas, os porcos, as cabras, os carneiros e os bois. Vila pacata e simples de gente simples e pacata. Parecia que ali as criaturas formavam uma só família. Se alguém matava um porco, a metade do porco era para distribuir pela vizinhança. Se um morador não tinha em casa café torrado para obsequiar uma visita, mandava-o buscar, sem cerimônia, ao vizinho (CORRÊA, 2011, p.17).

É possível apropriar-se do lugarejo de Cazuzza porque “o tempo dos lugares, é esse momento preciso onde desaparece um imenso capital que nós vivíamos na intimidade de uma memória, para só viver sob o olhar de uma história reconstituída” (NORA, 1993, p.12). Viriato Corrêa representa em seu romance os lugares que abrigaram sua infância e influenciaram sua vida, apresentando as particularidades da região maranhense por meio de descrições do espaço-cidade, costumes e crenças, porque “a cidade está no homem/quase como a árvore voa/no pássaro que a deixa” (GULLAR, 2004, p. 290-291).

Preservando e revisitando os costumes, observa-se como “no interior do Brasil a hospitalidade é um dever sagrado, que se cumpre religiosamente”. O hóspede é recepcionado não pela obrigação de uma boa educação, mas porque o matuto tem a gentileza de oferecer-lhe o que tem de melhor, e, por isso “ao se despedirem apertavam a mão de minha mãe, apertavam a mão de meu pai, dizendo-lhes ‘obrigada’ e nada mais”, porque perguntar o preço desse favor no interior do Brasil significa ofender a quem lhe deu. “A hospitalidade por lá é uma religião, e ninguém se furta a um dever religioso” (CORRÊA, 2011, p.19). É nesse lugar que Cazuzza nasceu e viveu sua primeira infância, absorvendo e se apropriando dos costumes e da religião de Pirapemas.

De acordo com Pesavento (2002, p. 16), os “traçados de ruas e praças são, sem dúvida, o registro físico de uma cidade e também são modos de pensar sua linguagem. Portanto, o espaço é sempre portador de um significado, cuja expressão passa por outras formas de comunicação”. O

que pode ser percebido no seguinte trecho:

A Pedra Branca tinha o condão de atrair as crianças. Era uma casa pequenina, caiadinha, muito limpa, num terreiro alvo, bem varrido, com laranjeiras plantadas em derredor. Em certas épocas, duzentos metros antes de avistar-se a casa, sentia-se no ar o cheiro finíssimo do laranjal em flor. No quintal, mangueiras imensas, com sombras frescas e balanços tentadores amarrados nos galhos. Mas a doidice da meninada era o riacho que ficava atrás da casa. Não vi, no mundo, cantinho mais suave e mais doce e que tanto bem me fizesse à alma. Eu ali ficava horas inteiras, saboreando, sem saber, a poesia simples daquele pedaço amável da natureza (CORRÊA, 2011, p.23).

Cazuza descreve o sítio da tia Mariquinhas como um lugar portador de um significado específico a ele, que possui importância e que mesmo sem saber fez aflorar em sua alma um sentimento amável. Todos possuem um lugar que lembra algo do passado memorial e que mesmo adormecido, sempre que revisitado pode causar emoções. Isso é possível porque “as especificidades dos espaços são um produto de inter-relações – conexões e desconexões – e seus efeitos (combinatórios). Numa sociedade nem lugares são vistos como tendo qualquer autenticidade atemporal. Eles são e sempre foram interconectados e dinâmicos” (MASSEY, 2012, p. 29).

Apesar de Cazuza estar feliz no povoado, nem só de brincadeiras se podia viver ali, como criança ele precisava também se educar e a escola do povoado não oferecia uma boa educação; com uma estrutura física precária e um professor severo o menininho não podia permanecer em seu local de origem. Além disso, conforme descrito, o lugarejo não apresentava condições de ascensão social para os pais de Cazuza e por motivo de ordem financeira a família precisou mudar-se para a vila do Coroaá.

Nunca pude saber, ao certo, o motivo que levava minha família a deixar o povoado em que meu pai nascera e vira nascer os seus primeiros filhos. Mas não foi somente porque a escola da vila fosse melhor que a da povoação. Ao que percebi nesta frase, naquela, naquela outra, a causa da mudança foram os negócios comerciais de meu pai. Os negócios iam mal (CORRÊA, 2011, p. 82).

Augé (2010, p.33) diz que “O mundo da supermodernidade não tem as dimensões exatas daquele no qual pensamos viver, pois vivemos num mundo que ainda não aprendemos a olhar. Temos que reaprender a pensar o espaço”. Tomando como póstico o processo de migração campo-cidade vivenciado por Cazuza e seus familiares é possível estabelecer as condições que englobavam a sociedade da época, final do século XIX, identificando situações comuns não só ao personagem que precisou migrar, pois a “supermodernidade” é produtora desses “não lugares”, quando apresenta má distribuição de renda e não oportuniza igualdade de ascensão social para os moradores de todos os lugares.

Essa situação faz com que famílias deixem seus locais de origem (nascimento) para buscarem melhores condições de vida, promovendo a lembrança, os locais de infância. Assim, conforme

explicita Augé (2010, p. 72-73), “a modernidade em arte preserva todas as temporalidades do lugar, tais como se fixam no espaço e na palavra”. Tomando como mote o seu processo de migração, Cazuzza narra suas experiências no interior do Maranhão, possibilitando aos leitores acompanhar suas vivências e amadurecimento.

2. VILA DO COROATÁ

O menino Cazuzza inicia seu processo de migração campo-cidade ao deixar o povoado de Pirapemas-MA em busca de melhores condições de vida, a começar por sua educação: “A escola ficava no fim da rua, num casebre de palha com biqueiras de telha, caiado por fora. Dentro, unicamente um grande salão, com casas de marimbondos no teto, o chão batido, sem tijolo” (CORRÊA, 2011, p.31). Além da precária condição física da escola, o personagem ainda tinha que lidar com um professor que acreditava na escola tradicional, onde “bordoada nunca faz mal à criança” (CORRÊA, 2011, p.73).

Em consequência disso, Cazuzza e sua família mudam-se para a vila do Coroatá, local que não era um centro econômico, mas oferecia melhores condições de vida, uma educação que se preocupava com os alunos, além de cultura e lazer. O que logo causou grande encantamento no menino, pois “para quem já tivesse visto o mundo, a vila do Coroatá devia ser feia, atrasada e pobre. Mas para mim, que tinha vindo da pequenidade do povoado, foi um verdadeiro deslumbramento” (CORRÊA, 2011, p.88). Isso se justifica porque “os outros lugares são espelhos em negativo. O viajante reconhece o pouco que é seu descobrindo o muito que não teve e o que não terá” (CALVINO, 1990, p.15).

A vila, em relação ao povoado, se apresentava como um lugar encantador porque Cazuzza não conhecia outras cidades; embecendo-se das novidades que lhe eram apresentadas em Coroatá, ele tomava como ponto de comparação o seu local de origem, o que acontece quando se busca distinguir algo de outro ou estabelecer um ponto de equilíbrio. “Entre cada noção e cada ponto do itinerário pode-se estabelecer uma relação de afinidades ou de contrastes que sirva de evocação a memória” (CALVINO, 1990, p. 9). Como descreve Cazuzza no trecho:

As quatro ou cinco ruas, com a maioria de casas de telha, os três ou quatro sobradinhos; as casas comerciais sempre cheias de mercadorias e de gente; as missas aos domingos; a banda de música de dez figuras; as procissões, de raro em raro, eram novidades que me deixavam maravilhado (CORRÊA, 2011, p.88).

Segundo Santos (2017, p.906), “a cidade, vista por esse prisma, ultrapassa a condição de mera estrutura em pedra e cal, cujo sentido recai sobre si própria, para adquirir valor que se confirma pela medida dos acontecimentos e pela trama das relações humanas”. As vivências do autor-personagem refletem a evocação que as reminiscências apresentam, fazendo-nos conhecer os lugares descritos pelo sentido que eles representavam ao infante, bem como as diferenças presentes em cada um desses ambientes. “E aquilo tudo me encantava de tal maneira que eu, às vezes, deixava

de brincar todo o tempo do recreio para ficar revendo paisagem por paisagem, mapa por mapa, figurinha por figurinha” (CORRÊA, 2011, p.90). Cazuzza evoca sua memória para estabelecer uma crítica à escola do povoado e às condições em que ele se encontrava paralelamente ao presente ao qual se via. O que Halbwachs irá dizer:

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Diante disso, ainda que os moradores de Pirapemas não estivessem presentes no momento inicial do relato descritivo de Cazuzza, as impressões conseguiram ser apresentadas, pois embora a vivência tivesse sido coletiva, os lugares do enredo conseguem se manter preservados por meio da memória e das reminiscências do personagem, visto que “nossas lembranças permanecem coletivas” e são carregadas de detalhes, se perpetuando materialmente na consciência individual de cada ser humano. Jacques Le Goff (1996), ao relacionar a memória ao conceito de identidade, define que a memória seria “[...] um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (LE GOFF, 1996, p. 476).

“O homem, na sua ânsia de viver tudo rapidamente, passara a ser movido pelo que é transitório” (SANTOS, 2017, p.904), o que é uma característica da “supermodernidade”, cada vez mais pessoas estão deixando as pequenas cidades para migrarem para os grandes centros econômicos, a busca pelo consumismo sustenta o que Bauman (2001) chamou de “Modernidade líquida”, por se tratar desse movimento transitório. Surgido por necessidades específicas como o caso de Cazuzza ou pela simples ascensão social. “Diante desse quadro, a literatura passa a ser uma das principais testemunhas das mudanças no tecido urbano, bem como no comportamento humano” (SANTOS, 2017, p.904).

Dessa maneira, é possível perceber como o encantamento pela busca de novas civilizações esteve presente desde o século XIX, período de publicação do romance em questão, e sobre como a migração campo-cidade foi presente e continua sendo até os dias atuais. Como afirma Bauman (2001, p. 08), “os fluidos se movem facilmente. Mas a modernidade não foi, desde o início, o derretimento dos sólidos?”. Ratificando a ideia de liquidez e da produção dos “não lugares” defendido por Augé:

Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como histórico definirá um não lugar. A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integrem os lugares antigos:

estes, repertoriados, classificados e promovidos a “lugares de memória”, ocupam aí um lugar circunscrito e específico (AUGÉ, 2010, p.73).

Os lugares antigos defendidos por Augé são aqueles que evocam as cidades de origens, locais que Viriato Corrêa preservou em sua obra, promovendo a “lugares de memória” todos os espaços de terra que guardaram algum momento de sua história. Estabelecendo nuances entre os moradores e os símbolos, estes são importantes porque “a memória é redundante: repete os símbolos para que a cidade comece a existir” (CALVINO, 1990, p.11). “Ali na vila, como em toda beirada do Itapecuru, o apito do gaiola era o maior anseio da menina miúda” (CORRÊA, 2011, p.153). O “gaiola”, citado por Cazusa, significava o trem que transportava pessoas e mercadorias de Coroatá para a capital do Maranhão: São Luís.

Para Cazusa, que sonhava com a cidade, São Luís representava tudo: “A cidade! Para uma criança daquele tempo, ir para a cidade era qualquer coisa como ir para o céu. A cidade, para nós, era São Luís, a capital. Ao que pensávamos tudo que o mundo tinha de esplendente e de gracioso estava em São Luís” (CORRÊA, 2011, p.151). Calvino (1990, p.6) propõe que “A cidade sonhada o possuía jovem; em Isidora, chega em idade avançada. Na praça, há o murinho dos velhos que veem a juventude passar; ele está sentado ao lado deles. Os desejos agora são recordações”. Assim, São Luís que antes representava uma utopia passa a ser o novo destino de Cazusa ao migrar para a capital para concluir os seus estudos primários.

3. A CIDADE

Não raro, como foi possível observar até aqui, os locais em que vivemos e pelos quais passamos se tornam personagens na narrativa de nossas lembranças. Se eles foram vistos na infância, então aparecem nas recordações envoltos por uma nuvem de nostalgia e um olhar infantil, que a tudo dá imenso valor porque a tudo parece experimentar pela primeira vez (BACHELARD, 1996). Nessa fase, “a criança – não obstante as pressões do ambiente exterior – forma em grande parte a sua memória pessoal” (LE GOFF, 1990, p. 207) e dela vale-se, quando adulto, para reconstituir seu passado.

É o que acontece com Cazusa quando, depois de adulto, resolve escrever suas experiências infantis. Cada linha da sua narrativa parece estar impregnada por uma supervalorização do passado, pois “pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência” (BOSI, 1979, p. 9). É esse o sentimento que o narrador deixa nas entrelinhas quando conta sua chegada a São Luís, a cidade onde, quando criança, se estabeleceu para concluir sua formação escolar primária.

Foi num domingo de sol, pela manhã, que chegamos a São Luís. [...]Até hoje não pude fixar, com exatidão, a lembrança daquele dia. Parece que ainda estou atordoado. O mundo, acreditem, mudou inteiramente. O progresso tornou a vida tão veloz,

que as crianças da atualidade não têm mais meninice. Aos seis anos já viram e já gozaram tudo, aos dez estão enfasiadas e velhas. No meu tempo, qualquer coisa era novidade. [...] Eu, que vinha da roça, e que quase nada tinha visto, estava com a alma preparada para todas as emoções (CORRÊA, 2002, p. 133).

Tão grande, mas tão pouco familiar foi aquele dia para o menino Cazuzza, que ele guardou na memória com pouca exatidão a sensação de estar pela primeira vez na cidade. Para a consciência de alguém que vivera, até então, em ambientes mais rústicos e menos desenvolvidos, a paisagem urbana causou espanto, a princípio, mas logo abriu-se diante dele como um mundo de possibilidades. Já na mente do Cazuzza que refaz, reconstrói e repensa as experiências do passado com as ideias do presente (BOSI, 1979), permanece a sensação de que o mundo “no seu tempo” era bem melhor.

Cazuzza chega a São Luís completamente aberto às mudanças e ansioso por desbravar os novos espaços que se apresentam diante dele. No primeiro momento não há saudade nem lamentos pelo que ficou para trás, pois aos seus olhos “São Luís [...] era o esplendor das cidades” (CORRÊA, 2002, p. 133) e ele está deslumbrado por tudo o que se encontra ali. Com entusiasmo, ele vai apresentando o que mais lhe chamou a atenção em uma profusão de alegria e encantamento.

Não me cansava de andar por aquelas ruas, boquiaberto, parando diante dos velhos sobradões de azulejos, das lojas, das farmácias, das igrejas, dos jardins e das carruagens. O repique dos sinos nas torres, o apito das fábricas, o desfile dos batalhões, os dobrados das bandas de música, deixavam-me maravilhado no meio da rua (CORRÊA, 2002, p. 133).

Com essa descrição, o narrador não só apresenta o que mais provocou seu encanto, como evoca as belezas da cidade tantas vezes descrita em obras de autores como Josué Montello e Arlete Nogueira. Nesse sentido, entende-se que as memórias de Cazuzza não são só dele, mas confundem-se com as de outros, em um exemplo claro da memória coletiva apresentada por Halbwachs (1990). Segundo o autor, no que diz respeito às lembranças de infância,

Desde que a criança ultrapasse a etapa da vida puramente sensitiva, desde que ela se interessa pela significação das imagens e dos quadros que percebe, podemos dizer que ela pensa em comum com os outros e que seu pensamento se divide entre o conjunto das impressões todas pessoais e diversas correntes do pensamento coletivo. Ela não está mais fechada em si mesma, pois que seu pensamento comanda agora perspectivas inteiramente novas (HALBWACHS, 1990, p. 62).

Quando recorda, portanto, a criança não evoca essas lembranças completamente isoladas de tudo, mas relacionadas a algo ou alguém que provocou essa rememoração. Mesmo estando em uma cidade diferente, tendo contato com imagens e situações distintas das que eram recorrentes na vila ou no povoado, Cazuzza ainda busca em si esses lugares da memória para descrever espaços do seu novo presente, como no trecho a seguir:

Tudo me encantava. A baía de São Marcos, infinitamente mais larga do que o rio em que eu nascera e toda soprada de vento, com barcos e navios maiores que o vaporzinho que me trouxera, tinha, para mim, uma grandeza estonteante. As igrejas, com seus altares e cerimônias deslumbrantes, tomavam, aos meus olhos, aparência fabulosa (CORRÊA, 2002, p.133).

Como a criança que era, Cazuzza colecionou em uma semana na cidade, alguns “lugares prediletos da minha admiração”, como escolheu denominar os locais que gostava de visitar. Um adulto, ao visitar a cidade e escolher seus espaços prediletos, talvez se ativesse à arquitetura das casas, ao aspecto da cidade e ao passado que ela contém “como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras” (CALVINO, 2003, p. 16). Mas para o menino, bom mesmo era admirar por horas os brinquedos vendidos na livraria, assistir à maratona do tempo correndo diante dos seus olhos na relojoaria e encerrar o dia com o esplendor das bolas de vidro que se acendiam na farmácia no Lago do Carmo e lhe impressionavam a imaginação (CORRÊA, 2002).

Tal atitude assemelha-se a uma situação de leitura descrita por Bosi (1979), em que

A atenção da criança leitora fixa-se nos mil acidentes da paisagem, e a sua curiosidade insaciável é atraída pelos fenômenos estranhos[...]. O adulto muitas vezes passa rapidamente por esses aspectos e detém-se, de preferência, na descrição de costumes, de tipos humanos, de instituições sociais que, por sua vez, pouco dizem à experiência infantil (p. 20).

No trecho acima, a autora apresenta a diferença entre os aspectos que prendem a atenção de uma criança e de um adulto durante a leitura, para ilustrar o tipo de memória que permanece na mente de cada um, como um exemplo da “dificuldade, senão da impossibilidade, de reviver o passado, tal e qual” (BOSI, 1979, p. 21). Se Cazuzza volta ao Lago do Carmo, quando adulto, para ver as luzes da farmácia novamente, será outra a sensação, pois ele já não será o mesmo e, provavelmente, sua admiração pela cidade terá sofrido mudanças.

Essa visão da cidade ideal, criada pelo menino, não se mantém durante toda a sua estadia ali. A comparação que tanto beneficiou São Luís em um dado momento será responsável por provocar saudade no infante que, tomando como parâmetro suas vivências anteriores, acaba por se decepcionar com as atuais, por serem muito distintas daquelas. Ao visitar o teatro, acompanhado da família, Cazuzza espera por um circo, como o da vila; espera ver “escadas de corda, os trapézios e as argolas que havia no circo da vila” (CORRÊA, 2002, p. 135), mas tudo que encontra é algo estranho àquilo que conhecia.

Tal experiência, que pode até ser considerada traumática do ponto de vista de uma criança, teve suas vantagens, pois ainda durante a estadia no teatro, o protagonista percebeu-se entretido por uma cena que fazia alusão a um bosque com camponesas e camponeses cantando (CORRÊA, 2002). Por mais que tenham durado apenas minutos, e que Cazuzza não admita na narrativa, não

teria o espetáculo atraído a atenção do menino, por representar imagens familiares evocando, assim, suas memórias do campo?

Segundo Bosi (1979, p.9), “a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações”. É o que acontece quando o protagonista, nessa ocasião, tem a atenção capturada por um momento, mas no instante seguinte, emerge desse “sonho” porque o que vê a seguir não está de acordo com aquilo que ele esperava, com as imagens presentes nas lembranças que ele evoca. Quando faz isso, Cazuzza age como provavelmente agiriam seus amiguinhos da vila, que estavam lá quando ele viu o circo pela primeira vez e quando, segundo recorda, “brig[ou] com Antonico” (CORRÊA, 2002, p. 135).

Outros homens tiveram essas lembranças em comum comigo. Muito mais eles me ajudam a lembrá-las: para melhor recordar, eu me volto para eles, adoto momentaneamente seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois sofro ainda seu impulso, e encontro em mim muito das ideias e modos de pensar a que não teria chegado sozinho, e através dos quais permaneço em contato com eles (HALBWACHS, 1990, p. 27).

Por mais que esteja longe dos amigos da vila, é pelo pensamento daquele grupo que Cazuzza é guiado ao julgar as novas experiências e, mesmo que involuntariamente, continua a fazer parte daquilo que deixou no passado. Apesar de tudo, ele ainda consegue se manter com ânimo até ser deixado no internato, ainda na cidade, mas longe das atrações e belezas que ela lhe oferecia. É lá que a saudade de casa mais invade o seu peito, provocando tristeza. Segundo suas próprias palavras, se sentiu “sozinho, desamparado, no meio da multidão que fervia nas salas” (CORRÊA, 2001, p. 138). Além disso, sente remorso por não ter hesitado em deixar seu lar:

No dia do embarque fiz esforços incríveis para mostrar-me triste, mas o coração me cabriolava no peito como garotos à frente das bandas de música. Nem o mais pequenininho pesar por sair de minha casa! Nem a mais leve dor por separar-me da ternura materna! Via apenas a viagem, a cidade (CORRÊA, 2001, p. 138).

Entretanto, esse sentimento é atenuado com o tempo, e Cazuzza, como um menino nada tímido, logo faz novos amigos e inicia uma nova fase em sua vida, colecionando experiências e, certamente, criando novas memórias. Porém, como tudo na vida passa, não demora muito até as ruas de São Luís, aquelas que o viram chegar todo deslumbrado, testemunharem-no agora enquanto exhibe no peito a medalhinha que ganhou por ter se formado no curso primário.

A visão da cidade, outrora tão esplendorosa aos olhos do infante, agora é ofuscada pela imagem do lar, para onde voltará no período de férias. Enquanto caminha pelas ruas em despedida são imagens da vila, dos amigos e da família que invadem o sonho e a fantasia do menino. Mas quando emerge ao presente, quer ver as bolas de luz da farmácia, que outrora tanto lhe atiçaram a imaginação; contudo, logo cai em si e, num segundo, tudo se transforma dentro dele (CORRÊA, 2002). O menino percebe que não é mais o mesmo de antes.

As mudanças foram poucas, mas o Cazuzza que voltará para a vila deixou de ser criança, é agora um homenzinho. Certamente, a vila que deixou também não será mais a mesma, pois se assim fosse, se assemelharia a Zora, uma das cidades invisíveis de Italo Calvino, que por “permanecer imóvel e imutável para facilitar a memorização, [...] definiu, desfez-se e sumiu. Foi esquecida pelo mundo” (CALVINO, 2003, p. 22).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste estudo, observou-se que cada local por onde Cazuzza passou exerceu algum tipo de influência sobre a sua vida, seja de forma positiva ou negativa, tanto que o menino, quando se torna homem, dedica tempo na narração dos fatos e na descrição desses lugares de afeto. Se isso não fosse verdade, é certo que teriam sido esquecidos, como rapidamente desaparecem aqueles dias em que nada de diferente acontece.

No que diz respeito à formação escolar de Cazuzza, é possível afirmar que cada lugar em que ele residiu e por algum tempo, fez dele seu lar, representou uma fase diferente da sua vida e agregou algo ao seu desenvolvimento. Na medida em que vivia novas experiências, o menino ia adquirindo novas formas de agir e de pensar diante de determinadas situações. Enquanto o povoado representou seu momento de iniciação na vida escolar e social, na vila ocorreu o processo de adaptação, e na cidade o encerramento de um ciclo que, como esperado, se tornaria memorável devido à importância a ele atribuída, pois a cidade é feita “das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado” (CALVINO, 2003, p. 15).

A convivência com tantas possibilidades de interação fez de Cazuzza um ser mais plural. Ainda que seja uma única pessoa, ele carrega em si muitas outras que encontrou pelo caminho e que talvez não sejam lembradas de forma física, mas estão ali na forma de um pensamento, uma ideia, uma maneira de enxergar o mundo e as coisas que o cercam. Tanto isso é verdade, que suas memórias narradas em forma de um romance, trazem à tona a identidade e a realidade de um povo que até hoje se identifica com os fatos narrados. Sendo assim, “A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que refluí das recordações e se dilata” (CALVINO, 2003, p.15-16), como foi possível observar durante as reflexões memorialísticas sobre os lugares de afeto na obra *Cazuzza*, de Viriato Corrêa.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A Poética do devaneio*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças dos velhos* – 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.

BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,

2001.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

CORRÊA, Viriato. *Cazuzuza*. 2ª edição. São Paulo: Ibec Jovem, 2011.

GULLAR, Ferreira. Poema sujo. In: *Toda poesia*. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. Editora Revista dos Tribunais LTDA: São Paulo, 1990. *História e Memória*.

LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Tradução Hilda Pareto Maciel; Rogério Haesbaert. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

NORA, Pierre. *Entre história e memória: a problemática dos lugares*. *Revista Projeto História*. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris*, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002.

SANTOS, S. M. P. *O vazio da cidade e os afetos dos lugares em Poema sujo de Ferreira Gullar*. *Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS: Porto Alegre*, v. 10, n. 2, p. 903-913, julho-dezembro 2017. e-ISSN 1984-4301 <http://dx.doi.org/10.15448/1984-4301.2017.2.26411> .<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/>. Acesso em junho de 2021.

Solange Santana Guimarães Morais

Doutora em Ciência da Literatura (UFRJ/UEMA); docente na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, campus Caxias. Líder do Núcleo de Pesquisa em Literatura Maranhense – NuPLiM/CNPq. Editora da Revista de Letras Juçara-UEMA, campus Caxias. E-mail: sogemorais@gmail.com

Erika Maria Albuquerque Sousa

Graduanda em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, campus Caxias. Membro do Núcleo de Pesquisa em Literatura Maranhense – NuPLiM/CNPq; do Grupo de Estudos em Literatura, Arte e Mídia – LAMID/CNPq e do Grupo de Estudos Filhas de Avalon – FECLESC/UECE. E-mail: erikaalbuquerquecscuema@gmail.com

Valéria de Carvalho Santos

Graduanda em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e suas respectivas literaturas, pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, campus Caxias. Membro do Núcleo de Pesquisa em Literatura Maranhense – NuPLiM/CNPq. E-mail: vc190199@gmail.com

Recebido em 15/02/2021

Aceito em 16/06/2021